



PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
DISCIPLINA: HISTÓRIA DO ENSINO DE HISTÓRIA
DOCENTE: PROFA. DRA. VANESSA SPINOSA
DISCENTE: CARLA RENATA VIEIRA RODRIGUES

BULLYING E CIBERBULLYING: REFLEXÕES ACERCA DO USO DA
TECNOLOGIA NA ESCOLA

NATAL - RN

JUNHO – 2018

Introdução:

“As tecnologias ampliam as possibilidades de pesquisa online. De trazer materiais importantes e atualizados para o grupo, de comunicar-nos com outros professores, alunos e pessoas interessantes, de ser coautores, “remixadores” de conteúdos e de difundir nossos projetos e atividades, individuais, grupais e institucionais muito além das fronteiras físicas do prédio.”¹

A Educação é um ramo complexo e devemos entendê-la como algo que precisa de estudo e conhecimento humano. Atualmente temos as tecnologias como uma ferramenta a mais para trabalharmos nesta área. Ela nos possibilita uma flexibilização maior e um cuidado com nossos alunos nativos digitais de modo que possam agregar seus conhecimentos e ter criticidade também nos seus diversos letramentos digitais conforme estudamos no texto de Gavin Dudeney², principalmente sobre o letramento em informação onde o autor afirma que é “um dos mais essenciais, pois é uma habilidade de avaliar documentos e artefatos fazendo perguntas críticas, observando a credibilidade e comparando fontes e origens da informação”, fato que nossos alunos necessitam demais. Na diversificada sociedade em que vivemos precisamos estar preocupados com as mudanças que estão ocorrendo com nossos jovens. É cada vez mais difícil entre eles aceitar o diferente, aquilo que não se encaixa nos padrões ditos “normais”. Nesse sentido começam a rejeitar determinados sujeitos que não se adequam ao meio social em que estão inseridos, e este fato gera um desconforto ou algo mais violento, vindo de um grupo ou individualmente, podemos citar como exemplo as recentes violências sofridas questões de cor da pele, gênero, obesidade ou pessoas com deficiência visual que necessitem de óculos para correção etc. E a internet com seus vastos campos aparece inúmeras vezes como fonte principal de alguns desses preconceitos e modos de intolerância radicais.

Como educadores precisamos estar atentos e perceber que é notório que cada vez mais a presença da violência nas escolas vem se acentuando. Seja efetivamente ou

¹ MORÁN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens, v. 2, 2015. pp. 25

² DUDENEY, Gavin (et al). **Letramentos Digitais**. São Paulo: Parábola editorial, 2016.

de maneira simbólica o bullying e seu subsequente cyberbullying sofridos por algumas crianças durante as séries terminais do Ensino Fundamental pode trazer sérias consequências psicológicas para o desenvolvimento das vítimas de tais atos.

A escolha do tema para este ensaio partiu de uma das leituras que fizemos no semestre do livro de Dilton Maynard chamado “Escritos sobre História e internet”, mas especificamente o terceiro capítulo que se intitula “Redes de intolerância: Extrema-direita, tempo presente e internet (1996-2007)”. Sabemos que o assunto em si relaciona-se mais com a História do que com temas da educação como é este ensaio, mas associando a problemas que tenho na minha escola sobre este tema comecei a me perguntar como a internet colabora para atos de violência e extremismos e o quanto meus alunos estão imersos nesta rede e reproduzem tais atos sem a consciência devida. Achei então, por bem, relacionar um pouco o uso da internet, essa rede tão complexa que aprendi a respeitar mais como ferramenta de ensino durante este semestre, e a realidade vivenciada na minha escola quanto a este assunto tão real chamado bullying e cyberbullying.

Gostaria de ressaltar que não podemos generalizar todos os atos de vitimização das crianças e adolescentes como bullying e para sabermos a diferenciação deste termo faz-se necessário o estudo aprofundado sobre cada caso de violência em particular, pois existem características específicas para tal conceituação. Ainda é difícil nas escolas reconhecermos que tais práticas existem, mas o professor juntamente com a equipe escolar pode e deve identificar tais agressores e assim tomar providências para que esses atos possam ser prevenidos e as vítimas se sintam seguras em frequentar a escola e assumir sua identidade independente da opinião alheia.

A obrigação dos profissionais, que somos nós, enquanto membros da comunidade escolar, é auxiliar e amenizar os acontecimentos a fim de que ambas as partes envolvidas nestes processos de violência sintam-se agraciadas com o cuidado e trazendo ao conhecimento dos coordenadores e demais professores fatos que acontecem nos espaços escolares como o caso que tenho na minha escola com a turma de 8º ano da tarde que faz vários colegas chorarem durante seus atos físicos e pela internet. Essa socialização é para tentar contribuir para uma prática pedagógica mais adequada com relação ao tratamento do assunto em questão.

Não podemos acreditar, tendo em vista os diversos casos recentes, que esta problemática é superada após a adolescência e é de fundamental importância que a

escola atue de forma a coibir estes processos e ajude numa formação psicológica adequada para as vítimas. Pois segundo Buckley:

O bullying é um flagelo escolar que a maioria das pessoas presume que termina ao mesmo tempo que, o vício do vídeo-game, do acne e da adolescência. No entanto, uma pesquisa recente feita pelo psicólogo Noreen Tehrani encontrou, nos dados de sua amostra retirada do Serviço Nacional de Saúde (NHS) dos EUA, que 40% dos indivíduos tinha sofrido bullying e que mais de 60% do staff das empresas tinha presenciado bullying no local de trabalho.” (BUCKLEY, 2002)

Se não houver um posicionamento claro acerca deste assunto por parte dos professores de todas as áreas e coordenadores das escolas correremos o risco de sermos acusados no futuro de sérias consequências psíquicas ocasionadas ainda quando nossos alunos estavam sob nossos cuidados e isto com certeza é um peso que não queremos carregar.

Ressaltamos ainda que o cyberbullying é uma categoria de bullying que atualmente está difundindo-se através do desenvolvimento da tecnologia entre os jovens. Eles utilizam os espaços da internet para denegrir a imagem de colegas de maneira rápida e eficaz, pois sabemos que atingem muitas pessoas de uma vez apenas com uma foto modificada ou um vídeo postado. Isto também é problema da escola, pois na maioria das vezes algo que começou pequeno neste espaço tornou-se impossível de lidar com as redes sociais ajudando os chamados “bullies” (que é o termo adequado a estas pessoas que praticam atos de bullying). Sabendo destas dificuldades podemos entender como visto no texto de Lucchesi e Costa³ que “o desejável letramento crítico digital que se define pela busca da compreensão da experiência social inscrita na cultura digital” se faz necessário, pois através desse letramento que podemos ajudar nossos alunos e podemos colaborar para que estas práticas de uso e abuso da tecnologia sejam discutidas na escola e na sala de aula.

Temos como profissionais da Educação o dever de usar a tecnologia de maneira crítica com nossos alunos, de modo a mostrá-los que a tecnologia não é neutra como nos alerta a autora Marcella Costa na sua dissertação “Currículo, história e tecnologia” quando nos fala sobre a formação de um web currículo, a tentativa de união desses dois

³ LUCCHESI, Anita e COSTA, Marcella Albaine da. **Historiografia escolar digital: dúvidas, possibilidades e experimentação.** In: MAYNARD, Dilton Cândido Santos; SOUZA, Josefa Eliana (orgs). História, Sociedade, Pensamento Educacional: experiências e perspectivas, Rio de Janeiro: Autografia, 2016. Pág: 341.

termos tem que fazer o profissional entender que a tecnologia não é salvadora do mundo ou a solução de todos os males da Educação, mas que devemos estar atentos a ela para que possamos utilizá-la da melhor maneira para os nossos alunos e neste caso fazê-los compreender as relações de poder que estão unidas à tecnologia, principalmente das “redes de intolerância” usando o termo de Maynard.

Um outro texto nos chamou atenção, pois quando relata um projeto numa escola da favela de Heliópolis o autor Paulo Blikstein retrata a realidade desse projeto que faz uso da tecnologia para chegar mais próximo dos alunos e através deles proporcionar interesse e cuidado. Isto é o que queremos alcançar em qualquer escola e na vida. Que seus alunos compreendam a sua tarefa árdua de ensiná-los não só para aquele momento, mas para a vida. Refletindo acerca deste texto acredito que o uso da tecnologia que neste caso aproximou também pode ser motivo de separação e violência para as pessoas e temos que alertar para que a criticidade e o letramento de informação sejam sempre os mestres no trato com a tecnologia no que diz respeito ao nosso tema e esse é o nosso objetivo com este exposto. Frente ao que relatamos consideramos importante o estudo e o aprofundamento do tema em questão para um maior entendimento do assunto por parte dos integrantes da escola e a ajuda no sentido de combater tais atos violentos no ambiente escolar preservando assim a integridade física e psicológica dos nossos alunos sempre que possível.

Desenvolvimento

O bullying pode ser definido como o comportamento agressivo entre estudantes. São atos de agressão física, verbal, moral ou psicológica que ocorrem de modo repetitivo, sem motivação evidente, praticados por um ou vários estudantes contra outro indivíduo, em uma relação desigual de poder, normalmente dentro da escola. Ocorre principalmente em sala de aula e no horário do recreio.⁴

A representação histórica que é feita sobre a escola como um espaço de conhecimento e formação, muitas vezes não permite identificarmos nela espaços para a violência e a figura de “bullies”, vítimas (puras ou provocadoras) e testemunhas de tais atos violentos. Durante muito tempo fez-se um reconhecimento velado sobre tal assunto

⁴ TEIXEIRA, Gustavo. Manual antibullying: para alunos, pais e professores. Rio de Janeiro: BestSeller, 2011. Página 19.

e isolavam-se tais acontecimentos como algo indiferente à escola. Com estudos mais profundos acerca do tema podemos inferir que desde muito tempo atos violentos que caracterizam bullying e posteriormente o cyberbullying acontecem no ambiente escolar e que na maioria das vezes são ocasionados pelo despreparo da escola e da família para lidar com esta problemática.

A internet atualmente é um dos locais mais fáceis para que estes sujeitos pratiquem essa violência velada, pois qualquer pessoa pode falar o que pensa de maneira que poucos sofrem retaliações, não existe uma legislação internacional que puna atos de violência pela internet (isso é o que cobra o autor Dylton Maynard no seu texto já referido). Existe inclusive a possibilidade de fazerem perfis fakes em redes sociais e utilizarem essas práticas para machucar e denegrir a imagem dos colegas. A capturação de senhas, imagens e vídeos dos colegas pode gerar conflitos bem maiores do que imaginamos com a publicação sem consentimento, o uso de memes, etc. A ridicularização dos alunos expostos pode gerar um problema tão grande para nós nos colégios quanto o que o autor expõe que os Anonymous causaram com seus ataques nos Estados Unidos, é claro que resguardando as devidas proporções, mas utilizando este exemplo como forma de apresentar a realidade que estamos expostos nas escolas se não conscientizarmos nossos jovens que a tecnologia merece e foi criada para ser mais uma força no contexto escolar e trazer ainda mais conhecimentos e atitudes.

Como aprendemos no texto de Briggs e Burke o computador como conhecemos teve seu início no contexto da Guerra Fria e os países centrais para o seu desenvolvimento foram Estados Unidos, Inglaterra e Japão para auxiliar as bases militares como uma forma de suporte esses autores afirmam que *“Os primeiros computadores digitais eletrônicos operacionais foram planejados de ambos os lados do Atlântico, para propósitos militares de guerra e da Guerra Fria”*⁵. A internet, porém teve sua origem nos anos 1960 e depois para estes autores ela surgiu mesmo *“entre setembro de 1993 e março de 1994, quando uma rede até então dedicada à pesquisa acadêmica se tornou a rede das redes, aberta a todos.”*⁶. Sua origem também sempre esteve ligada ao uso militar, contudo atualmente ela deixou de ser nicho dos militares para ser um veículo comercial e dá acesso a um público diversificado. Como compreendemos no livro de Dilton Maynard “Escritos sobre história e internet” em seu primeiro capítulo intitulado “Memórias do segundo dilúvio:

⁵ BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia – de Gutenberg à internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. (Cap. Convergência). Pág: 273.

⁶ IDEM, Pág: 300.

uma introdução à história da Internet” o autor nos apresenta o conceito de “Segundo Dilúvio” numa alusão ao dilúvio bíblico que mudou a história dos cristãos, a internet a partir de 1995 quando teve seu nascimento seria para ele a revolução dos tempos atuais e “as águas do novo dilúvio são formadas por dados, notícias, imagens, músicas e tudo o mais que circula no universo eletrônico. O oceano agora é feito de informações”⁷. O nosso papel aqui é problematizar como essas informações chegam aos nossos jovens e como nós podemos fazê-los ter consciência crítica acerca do que escutam e reproduzem.

O fato de não possuir legislações mais rígidas ocasiona o uso da rede ser apropriada por pessoas que possuem um perfil mais violento e podem ser causadoras de atos extremos. Maynard durante o terceiro capítulo de seu livro analisa dois casos de violência feitos por skinheads em São Paulo e Porto Alegre que justificam esta fala e o seu capítulo. E ainda ressalta que a partir de 1995 a internet passa a ser apropriada pelos “movimentos sociais, sindicatos, partidos políticos, e organizações-não-governamentais”⁸ e criaram suas páginas na web e nessa concepção política grupos de divulgação fascista e extrema direita também encontraram brechas para se encaixar causando desordem e manipulações de todos os tipos. É claro que devemos guardar as devidas proporções acerca do que queremos tratar neste ensaio, mas as escolas e os alunos imersos na sociedade digital também têm acesso a falas e discursos preconceituosos e extremos e de certo modo trazem algumas ideias que gerarão conflitos futuros, as opiniões de youtubers, cantores, artistas em redes sociais, blogs, e as diversas plataformas que estudamos são utilizadas por eles de modo que se apropriam de suas próprias versões da historiografia como nos alerta o autor e são sim vistas e consideradas pelo nosso público e isto pode ocasionar problemas de aceitação entre os alunos e episódios de bullying e cyberbullying nas escolas.

Quase sempre as vítimas dessas práticas são frágeis e não oferecem reação aos agressores (chamados de bullies), contudo existem casos de assediados que fizeram oposição aos opressores e por isto deram um basta na violência a que vinham sendo expostos. No caso das vítimas temos dois tipos: as puras (que recebem a violência sem nada terem feito para tal fim) e as provocadoras (aqueles estudantes que irritam os colegas e despertam o desejo do bullies). Uma terceira personagem faz-se presente neste

⁷MAYNARD, Dilton. **Escritos sobre história e internet**. Rio de Janeiro: FAPITEC/Luminárias, 2011. Pág: 16.

⁸ IDEM, Pág: 71.

contexto são as testemunhas que frequentemente veem a violência sofrida pelos colegas e que não reagem a tal ato por medo ou resignação, mas que sofrem psicologicamente com tais fatos e se sentem às vezes encurralados com esta situação, ocorre muitos casos das testemunhas não quererem mais ir à escola por sentirem-se ameaçados também.

Essa ideia de negação do problema já está em desuso, mas ainda ocorre o despreparo da escola frente a estes atos de abuso por parte dos alunos. Faz-se necessário, portanto um estudo e um acompanhamento dos casos em específico (fato que estamos fazendo na nossa escola conforme já citei anteriormente e não relatei mais detalhadamente para preservar os envolvidos) identificando quais os sujeitos acima citados e qual o papel do professor nesta tarefa árdua de combate à violência física, moral e psicológica praticada dentro e fora das escolas de maneira física ou pela internet. Para que ocorra assim uma desnaturalização de conceitos que já se tornaram cristalizados no ambiente escolar.

O cyberbullying também pode ser analisado sob a ótica das relações de poder que perpassam nossa sociedade, este assunto deve ser entendido como uma representação de um processo de significação histórica que é socialmente construído e determinado pelas relações de poder⁹ existente não só na escola, mas na família e na sociedade em geral e que tem na internet um fator primordial chamado anonimato que pode fazer um ataque completo e causar um dano psicológico grande aos envolvidos no processo direta ou indiretamente citando como exemplo o vazamento de fotos íntimas, vídeos e memes que degradam a imagem das vítimas.

A partir disso considero que a existência desses atos violentos ocorram com base nas relações de poder na escola e na família através das quais grupos ou sujeitos mais poderosos atribuam aos “outros”, no caso às vítimas, seus significados e passam a querer transferir para elas características que as fazem refletir sobre si mesmas. Maynard cita exemplos de vários casos de intolerância a partir da utilização da rede e faz um pequeno estudo no capítulo três acerca de alguns países da Europa, bem como na Argentina e no Brasil onde essa prática é bastante comum.

Referente ao assunto escolhido percebemos que os agressores muitas vezes tem problemas com as famílias e transferem para as vítimas suas frustrações e angústias causando danos muitas vezes irreversíveis à autoestima e o psicológico das mesmas.

⁹ A ideia de poder a qual me refiro tem ligação com o pensamento de Foucault (1979), que nos aponta o poder não como centrado em um único ponto, maléfico ou unilateral, mas ramificado, produtivo e circulante. FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

Cabe à escola, nas pessoas dos professores e dos coordenadores escolares, estar alerta para os primeiros sinais de afronta e identificação do “outro” como um ser apto para o bullying e o cyberbullying e intervir de maneira clara e objetiva no combate ao desrespeito à dignidade humana seja em qual idade for. Para isto, pode-se utilizar algumas estratégias, como análise de casos individuais, como já citado, questionários em sala de aula sobre o tema, conversa com os professores sobre alguma alteração no comportamento dos alunos, levando-se em conta que são eles que estão efetivamente em sala de aula todos os dias, e convocando os pais e familiares envolvidos para uma conversa com os gestores sobre o assunto e pedir à família para está atenta ao comportamento dos filhos frente ao uso da tecnologia.

Conclusão:

“Estamos hoje sob intensa pressão para a adoção das Tecnologias da Informação e da Comunicação na Educação. O uso do computador, da rede, dos programas diversos capazes de produzir a realidade ou a presença virtual tornaram-se emblemas de qualidade nos processos de ensino. O termo novas, na nomeação dessas tecnologias, designa o ultrapassado o obsoleto, o dispensável, para tudo que supostamente não estiver nesta estreita área conceitual de tecnologia, não como instrumento, mas, como emblema de saber, poder e valor de mercado. Toda inovação produz uma nova exclusão e essa constatação, que deveria orientar a busca da universalização do novo, tem servido às relações de poder entre classes e grupos.”

Arnon de Andrade¹⁰

As tecnologias fazem parte do cotidiano dos nossos alunos e não podemos está aleios a este mundo e suas novidades aplicadas à Educação, assim como temos que fazer nossas falas terem significado aos nossos alunos temos que entender toda uma geração que é nativa digital e que pode utilizar esta tecnologia para aprender mais e melhor sobre os variados temas que trabalhamos em sala seja na História com as enciclopédias virtuais (como nos falam Lucchesi e Costa quando exemplificam com a Wikipédia no texto *Historiografia digital*); a “googleficação” (o assunto do texto de Célia Cristina Tavares chamado *História e Informática*); e cabe a nós educadores problematizar os tipos de “leitores” a quem se destinam estes escritos como nos alerta Jurandir Malerba no texto “Os historiadores e seus públicos” que debate para quem

¹⁰ ANDRADE, Arnon A M. de. **Tecnologia e Educação**. Digitado. 2017.

escrevemos a História, pois é através do surgimento de novas mídias que a educação se transforma e amplia e nós enquanto sujeitos sociais e pensadores deste território não podemos nos abster desta discussão dentro e fora da escola.

Sabemos que o tema deste ensaio não se trata de algo novo nos colégios, mas que somente agora está adquirindo espaço para pesquisas e problematização de tais atos, como formas de violência física e simbólica, visto que conhecemos o quanto é difícil tratarmos deste assunto no âmbito escolar tendo em vista que nenhum diretor quer ter o nome da sua escola vinculado à violência, seja ela qual for, porém faz-se necessário um trabalho de conscientização da comunidade escolar principalmente levando em consideração os problemas psicológicos que poderão ter as vítimas em potencial.

O professor e o coordenador tem ainda à necessidade de ter uma conversa com os alunos que são vítimas de violência física ou tecnológica para que possam entender como a escola e a família tem um papel de auxiliar a sua restauração da melhor maneira possível no convívio social. A postura do professor enquanto educador deve ser de ter um olhar de desconstrução de uma dita naturalização construída sobre a violência. Denise Braga em seu texto “Ambientes digitais: reflexões teóricas e práticas” a autora trás experiências educacionais com o uso das tecnologias de modo a proporcionar um maior aprendizado dos alunos e acredito a partir da leitura dessa autora que com um bom projeto sobre violência física e psicológica e tecnologia utilizando os ambientes digitais podemos ter um resultado bom de conscientização dos nossos alunos com relação às práticas que tratamos neste texto e uma melhor aprendizagem.

Durante a nossa disciplina de Tecnologias da Informação e Comunicação em Ensino de História do Programa de Pós Graduação em Ensino de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (ProfHistória) debatemos vários autores que nos mostraram inúmeras reflexões sobre o uso de tecnologias no ensino trago alguns para mais debates na bibliografia. Ainda temos muito a alcançar sobre esse tema, mas acredito que para o que nos propomos a tratar neste ensaio tivemos êxito. Só gostaria de terminar com uma reflexão, se *“o que a tecnologia traz hoje é integração de todos os espaços e tempos”*¹¹ como nos diz José Morán, qual o papel da escola e dos educadores neste processo? Seguimos tentando descobrir.

¹¹ MORÁN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens, v. 2, 2015. pp. 16.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ÁLVAREZ- URÍA, Fernando. **A conquista do outro: da destruição das índias à descoberta do gênero humano.** In: LARROSA, Jorge; LARA, Nuria Pérez de. *Imagens do outro.* Petrópolis: Vozes, 1998.
- ANDRADE, Arnon A M. de. **Ciência Tecnologia e educação escolar.** Digitado. s/d.
- ANDRADE, Arnon A M. de. **Tecnologia e Educação.** Digitado. 2017.
- BAGNO, Marcos. 1998. **Pesquisa na Escola. O que é. Como se faz.** 2 ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- BATES, Tony. **Educar na era digital: design, ensino e aprendizagem.** São Paulo: Artesanato Educacional, 2016. (caps. 3 e 4).
- BLIKSTEIN, Paulo. **Viagens em Tróia com Freire: a tecnologia como um agente de emancipação, educação e pesquisa.** v. 42, n. 3, 2016.pp.837-856.
- BRAGA, Denise Bértoli. **Ambientes digitais: reflexões teóricas e práticas.** Cortez Editora, 2016.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia – de Gutenberg à internet.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.(Cap. Convergência).
- BUCKLEY, James. **Schooled in fear: bullying isn't just a playground problem, corporate incidence is widespread, and it's not only painful, it can also wreck productivity.** In Employee benefits, August 2002.
- BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei n. 9394/96.** Brasília, MEC. 1996.
- COSTA, Marcella Albaine Farias da. **Currículo, História e Tecnologia: que articulação na formação inicial de professores.** 2015. Dissertação de Mestrado (Educação). UFRJ: Rio de Janeiro.
- CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da Amizade: Bullying o sofrimento das vítimas e dos agressores.** Editora Gente. 2008.
- DUDENEY, Gavin (et al). **Letramentos Digitais.** São Paulo: Parábola editorial, 2016.
- FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a Paz.** Editora Verus. 2011.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- LÉVY, Pierre. **O que é o Virtual?.** Editora 34, 2003.

- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência – o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LUCCHESI, Anita e COSTA, Marcella Albaine da. **Historiografia escolar digital: dúvidas, possibilidades e experimentação**. In: MAYNARD, Dilton Cândido Santos; SOUZA, Josefa Eliana (orgs). *História, Sociedade, Pensamento Educacional: experiências e perspectivas*, Rio de Janeiro: Autografia, 2016.
- MALERBA, Jurandir. **Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital**. *Revista Brasileira de História*, v. 37, n. 74, 2017.
- MAYNARD, Dilton. **Escritos sobre história e internet**. Rio de Janeiro: FAPITEC/Luminárias, 2011.
- MORÁN, José. **Mudando a educação com metodologias ativas**. *Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens*, v. 2, 2015. pp. 15-33.
- PEREIRA, Sônia Maria de Sousa. **Bullying e suas implicações no ambiente escolar**. Editora Paulus. 2010.
- SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mente perigosa nas escolas: Bullying como identificar e combater o preconceito, a violência e a covardia entre alunos**. Editora Fontanar. 2010.
- TAVARES, Célia. **História e Informática**. In: VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO, Ciro. *Novos domínios da história*. Elsevier Brasil, 2011.
- TEIXEIRA, Gustavo. **Manual antibullying: para alunos, pais e professores**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2011.
- TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do o outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.